

O PROLETÁRIO

Nº 67
Agosto de 2007

Uma Publicação mensal de Proletários Marxistas
Não aceitamos que a burguesia nos financie. Por isso se faz necessário a cobrança de R\$ 1,00
(um real) para o custeio da publicação do jornal.

A crise nas bolsas O que está por trás da crise da bolsa?	01-06
<u>Questão Internacional</u>	07- 14
COSMÉTICO E MODA NO COMÉRCIO DA BELEZA	14-22
Ecologia e Sociedade	22-25
CONLUTAS e o Plebiscito popular	25-26

Venham para os grupos de estudo de Marxismo
Se inscrevam com os distribuidores de o Proletário

Contatos:
Jornal *O Proletário*
Caixa Postal n.º 140 CEP 09910-970, Diadema, São Paulo

A crise nas bolsas

O que está por trás da crise da bolsa?

Na essência a crise das bolsas reflete a crise estrutural do sistema capitalista, ou seja: De que o desenvolvimento das forças produtivas não cabe mais (e já faz muito tempo, não mudando por causa da crise de direção do proletariado internacional) dentro do regime da propriedade privada dos meios de produção.

Conforme nos ensina Marx e Engels no Manifesto Comunista de 1848 a apropriação privada da produção social devido à propriedade privada dos meios de produção em que se origina o caos capitalista - acumula-se capital em poucas mãos e expande a miséria à grande maioria da população. Este fenômeno da apropriação privada da produção social e intrínseco a exploração da mais-valia e a concentração de capital da origem as crises cíclicas de superprodução como se fossem verdadeiras epidemias.

Com a entrada em cena do capital financeiro, que é um resultado e consequência do formulado por Marx e com a permanência deste regime sem que se consumasse a revolução proletária, dizem alguns teóricos que a humanidade passou a viver do capital acumulado, uma vez que, o investimento na produção se tornou secundário.

Lênin nos ensina em “Imperialismo fase superior do capitalismo” que vivemos a época do capital financeiro

Dois são os fenômenos que se processam nesta fase e época:

1) O grande capital vai à busca das melhores condições para explorar a mais valia. Hoje as grandes corporações capitalistas têm preferido uma China, Índia e países que propiciam uma maior desregulamentação do trabalho, para assim terem assegurados suas alta taxa de exploração. Os capitalistas ainda têm na exploração da mais-valia sua força motriz. Ocorre que, o processo de produção agora muito mais internacionalizado que antes

(como dizem os teóricos – globalizado) se dá totalmente sob as rédeas do capital financeiro;

2) Com a avançada crise de superprodução, cada vez que se moderniza a maquinaria, agrava-se ainda mais esta crise e as suas conseqüências. Com capital acumulado e com produção sobrando (não que a população não tenha necessidade desta produção, mas por não ter acesso para adquiri-las devido ao desemprego, baixos salários e etc.), grande parte do grande capital se reveste na chamada ciranda financeira – no capital financeiro propriamente dito – na especulação, no lucro fácil sem dispêndio do processo produtivo mediante o retrocesso das forças-produtivas e a conseqüente estreiteza de mercados.

A análise da crise financeira atual é um bom exemplo para entender tal fenômeno.

O mundo inteiro está sob o domínio do capital financeiro, dos juros altos, dos empréstimos com finalidade de domínio externo, de controlar nações, de eliminar concorrentes, de especulação e de grandes negócios com títulos e ações para a concentração de capital ainda maior.

Várias são as bolhas financeiras (economia no vazio, no irreal), o próprio orçamento americano é constituído de uma grande bolha financeira. Imagine o Presidente Americano solicitando ao Congresso a ampliação do teto de endividamento público, vez que, os US\$ 8,965 trilhões atuais já foram alcançados. A maior economia do mundo, o carro chefe do capital financeiro mundial, se assenta na produção para a guerra, no saque e na especulação.

Vejam os mais de perto o ocorrido com o sistema financeiro habitacional Americano (maior potencial global):

- Crise na linha de crédito "subprime" (de segunda linha, empréstimo de risco, aos pobres).

O sistema financeiro americano empresta dinheiro para compra, pagamento ou reforma das residências aos trabalhadores americanos, mesmo sem um vínculo de emprego comprovado e por ser um financiamento de risco cobra juros de 12%. Estes títulos de empréstimos passam a serem renegociados por uma, duas, três e infinitas transações com as variadas instituições de créditos, sempre é claro aumentando a bolha e os lucros.

Os empréstimos americanos quase que equivalem ao do sistema financeiro habitacional brasileiro, com uma grande diferença: somos um país oprimido, não somos a maior potência do mundo.

Tem casos em que o financiamento ultrapassa US\$ 370 mil para um imóvel que vale hoje US\$ 320 mil. Os trabalhadores americanos estão deixando de pagar por tais financiamentos, gerando uma crise na cadeia de financeiras. A primeira instituição a congelar os fundos foi a BNP Paribas (uma instituição Francesa) que congelou US\$ 2,73 bi em fundos devido à créditos de risco gerando os estouros em cadeia.

Há três bancos que extraíram no último período até 700% mais lucros desde 1994, são eles: Banespa, Unibanco e HSBC. Arbitrariamente os bancos em geral têm angariado mais e mais lucros sobre a exploração de créditos (empréstimos) à pessoa física através de taxas e juros

Segue na íntegra a reprodução de um manifesto efetuado por distintos militantes marxistas denunciando e combatendo a ideologia e prerrogativas do capital desde seus meios de veiculação da alienação em massa, como o é a mídia cooptada em que desponta à frente descaradamente a Revista Veja

Crise nas bolsas: Revista VEJA contradiz o seu próprio neoliberalismo

Por marxista 13/08/2007 às 21:35

A revista VEJA, uma das principais propagandistas do neoliberalismo no país, corre a elogiar a atuação dos Bancos Centrais para "evitar a crise". Quando os capitalistas estão em crise, correm a buscar socorro no Estado!

A revista VEJA, em sua edição 2021, que está nas bancas, publicou uma matéria às páginas 92 e 93, intitulada "O Grande Teste", na qual corre a elogiar a atuação dos Bancos Centrais em todo o mundo para conter a crise no mercado financeiro que se prenunciou na semana passada. A revista inicia afirmando "Na crise de 1929, os bancos centrais precipitaram o crash ao

extorsivos licitados pelos Governos, e também criam a seu interesse serviços e taxas para administrar o capital alheio. Assim o capital financeiro, à frente da crise de superprodução e a depressão capitalista, procura extrair lucros com todas as manobras possíveis de especulações financeiras, trustes e etc; aumentando a fragilidade destas bolhas.

Subsidiando esta exploração do capital financeiro está o nosso governo, como os demais, abrindo linhas de créditos para deus e o mundo (funcionários públicos, aposentados, operários, empresas de pequeno, médio e grande porte, e as próprias instituições governamentais) para remediar a barbárie, impulsionando a concentração de renda nas mãos dos capitalistas e tornando-os todos, reféns dos bancários sanguessugas.

Há muito chegou a hora da organização independente do proletariado mundial para por abaixo o regime capitalista e sua propriedade privada dos meios de produção, harmonizando a produção coletiva e a apropriação também coletiva destas.

Abaixo o Imperialismo!

Abaixo o capitalismo!

Viva a Ditadura do Proletariado e a produção direcionada e controlada pelas massas.

negar ajuda aos mercados. Eles aprenderam a lição".

Muito interessante... Quer dizer que na hora "do pega pra capar", os sacrossantos mercados precisam da "ajuda" de órgãos do Estado, como os Bancos Centrais.

A revista VEJA, total defensora do corte de verbas públicas para áreas sociais, em nome da tal "austeridade fiscal", derrete-se em elogios aos gastos de bilhões de dólares dos Bancos Centrais ao redor do planeta, para conter a crise dos mercados.

Está provado mais uma vez qual é a atual lógica do Estado burguês, em sua etapa neoliberal: para os trabalhadores e o povo pobre, é "Estado mínimo", com corte de verbas da saúde, da educação, da seguridade social; para a burguesia, é Estado MÁXIMO, torrando bilhões para salvá-la das crises.

<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2007/08/390604.shtml>

A Crise área brasileira

A partir do acidente com o avião da Gol em 29 de setembro de 2006, que ainda aguarda resolução de suas causas e responsabilidades, após 154 mortes, volta-se à tona uma grande crise na aviação civil brasileira. Então se percebe que, independentemente das falhas humanas ou mecânicas que suscitaram o acidente, o propulsor desses erros é a falência da infraestrutura da aviação civil brasileira (e dos meios de transporte em geral). Expressa pela deficiência e precariedade observada nos aeroportos do país: as filas; o volume de vôos pousando e decolando cada vez mais próximos uns dos outros; a falta de estrutura necessária; as dificuldades de comunicação com as torres de controle que monitoram os vôos; a sobrecarga a que estavam expostos os profissionais que poderiam (talvez) impedir aquele acidente.

Surge então a greve dos controladores de vôo, como que uma reação à política das empresas e órgãos que procuravam uma válvula de escape para a tragédia, apontando-os como um bode expiatório aos problemas aéreos. A greve e os consecutivos protestos dos controladores, demonstrava mais avidamente o caos aéreo que, todavia, já estava instaurado há tempos. Impulsionando um sentimento indignado da pequena-burguesia que se revolta com a inércia governamental frente à crise e com o

militarismo político que impera despótico neste setor.

Esta indignação e revolta devido à confusão, atrasos de vôos e filas nos aeroportos parece incidir mais forte sobre a sociedade que as feridas da tragédia. Então que surge, fatídica e lamentavelmente, mais uma tragédia e de proporções ainda maiores: a colisão do Airbus da TAM com o prédio da TAMExpress que gerou 199 vítimas fatais no aeroporto de Congonhas. Acidente este último que compartilhará a espera por resolução e o suplício dos familiares das vítimas daquele da Gol em 29/09/2006. Período em que se procura minimizar os efeitos das tragédias sobre a evidenciação da crise com condolências e promessas por parte das autoridades envolvidas.

Nos episódios dos desastres da aviação brasileira e seus desdobramentos ficam claras a decadência da burguesia nacional, as contradições do sistema capitalista, bem como do reformismo petista e os que os cercam.

O agravamento da contradição entre cidade e campo no capitalismo é fruto da separação dos *meios de produção da força de trabalho*. A expropriação do campesinato e sua migração forçada para os grandes centros urbanos na formação das grandes cidades e as metrópoles trouxeram problemas de toda a ordem: os problemas do tráfego aéreo e dos aeroportos certamente são alguns deles.

A propriedade privada dos meios de produção não permite qualquer tipo de planejamento estrutural e sua execução. Os interesses particulares dos burgueses, donos dos meios de produção e, inclusive, a dominação do planeta pelos grandes burgueses imperialistas, colocam na ordem do dia a extração de lucros na anarquia capitalista. Do aspecto da gerência mesmo, tratando-se de atividades consideradas essenciais como o transporte de passageiros, o lucro predomina sobre as regras do planejamento, do bom senso, da seguridade dos tripulantes e passageiros no caso aéreo.

Com a propriedade privada dos meios de produção condicionando a apropriação privada da produção coletiva, ou seja, a posse do padrão do produto produzido coletivamente, gera-se: de um lado a concentração de capital e de outro, a expansão de milhares e milhares de famintos, desempregados, sem-tetos, sem-terras e de uma miséria sem limite. Com as contradições do sistema capitalista (advindas do seu modo de produção), a anarquia gerada pelos interesses do capital propicia os fatos revelados pela crise área brasileira.

Um outro fator que bem demonstrou tal crise área foi a decadência da burguesia nacional e os organismos de Estado. Vejamos: sendo as forças da aeronáutica parte do exército nacional, em cuja cúpula dirigente estão os quadros da burguesia em submissão ao grande capital Internacional, o episódio das caixas-pretas não deixou nada a desvendar! O exército e a aeronáutica brasileira não estão equipados para abrir e revelar as gravações de uma caixa de dados de uma aronave e ainda mandaram aos EUA a caixa errada. As polêmicas impulsionadas por diversas classes sociais sobre as causas, responsabilidades, soluções e prevenções para estas tragédias em questão convergem na constatação de que não há investimento adequado nestes setores no país. Afinal as Agências Reguladoras (Anac, Infraero Anatel, Anael, etc.) foram criadas e são mantidas apenas como aparelhos secundários de administração de todo esse caos, amparando os setores privatizados

subordinados às demandas dos monopólios imperialistas que, por sua vez, empreendem a exploração desenfreada destes mercados.

A falência da aviação civil brasileira é a mesma que acomete os demais sistemas de transporte no Brasil. O caos é generalizado. Se dá pelo fato de toda a infra-estrutura do país estar entregue ou submetida aos interesses dos monopólios imperialistas, nacionais ou estrangeiros, de cada setor. Por serem as grandes empresas capitalistas as detentoras de posse e subsídio para conduzir extraíndo lucro dos sistemas de transporte e demais setores da infra-estrutura de todo país.

Quando toda a infra-estrutura do país está subordinada aos investimentos e empreendimentos capitalistas (internacionais principalmente) a sociedade há de se “desenvolver” conforme seus interesses e necessidades: de lucros e mais lucros. Assim foi, por exemplo, o nascimento do sistema ferroviário brasileiro, sustentado pela Inglaterra e segundo suas necessidades de mercado, matérias-primas e do endividamento brasileiro. Uma característica acentuada na fase superior da deterioração do capitalismo, como é o imperialismo, que determina que em países coloniais ou semi-coloniais – subdesenvolvidos ou “emergentes” (para barbárie) como se chamam hoje – deve-se permitir o desenvolvimento na condição de fornecedores e consumidores da produção imperialista, e nunca transcender este marco. Tal como são os fatos de uma ínfima minoria no país poder usufruir deste sistema de transporte (aéreo), de não haver tecnologia no país para apurar os dados das caixas-pretas dos aviões que tombam (encaminhadas ao exterior) e dos vôos internacionais ficarem a cargo dos grandes monopólios imperialistas. A infra-estrutura do terceiro mundo de ater-se a fornecer matéria-prima, amparo político/econômico, mão-de-obra escrava e consumir a produção especializada das superpotências.

O sucateamento destes setores (de infra-estrutura) é intensificado governo após governo no bojo das privatizações do pouco

construído no país em nome do *desenvolvimento sustentável*. Na fase imperialista do sistema capitalista o “desenvolvimento” fica a cargo dos monopólios internacionais cuja sede de lucros depara-se com a estreiteza de mercados, para qual não há remediação senão o aprofundamento em sua barbárie ou a destruição do sistema capitalista.

A incompetência, a sede de lucro e a anarquia são visíveis também, e com toda particularidade, desde as condições de operação de aeroportos até a operação e controle do tráfego aéreo. Assim como as fábricas vão funcionando a pleno vapor na ânsia por lucros cada vez maiores, estão também os aeroportos (a aviação). Exigindo mais e mais do maquinário e de seus operadores, aumentando monstruosamente a incidência de acidentes, comprometendo a qualidade de seus produtos e serviços e, principalmente, a saúde de seus operários. Haja visto o cronograma apertado dos aeroportos; a hiperlotação de suas pistas e de passageiros por avião; a superexploração dos trabalhadores e falta de qualificação para estes; a otimização desenfreada de recursos e processos produtivos em detrimento da qualidade e segurança. É isto o que determina a soma de diversos fatores que contribuem aos acidentes imperceptíveis ou catastróficos. Arbitrariamente os monopólios capitalistas - como qualquer empresa - embora de um patamar distinto - procuram extrair mais lucros adequando-se ao caos produtivo sem pudores e seguem: improvisando sua precariedade; promovendo fiscalização à vista grossa para possibilitar o curso de seus trabalhos; arrastando-se sem a estrutura adequada para o porte de suas atividades; e multiplicando seu faturamento.

No final das contas uma ou duas tragédias não compromete tão significativamente o superfaturamento destas licenciadas empresas, cujas vidas que ceifam valem muito menos que os aviões que perdem. Em verdade o prejuízo na venda de passagens aéreas destas empresas, depois do acidente, diminuiu em apenas 30% em ambas, logo que são a única opção para

quem precisa e detém poder aquisitivo para usufruir deste tipo de serviço (cerca de 8% da população).

O aeroporto de Congonhas foi inaugurado em 1936. Tem uma pista de 1939m contra 3240m de Vira-Copos; 3700m de Cumbica; 4000m de Galeão; e 3658 do Aeroporto Internacional Montréal-Mirabel (Canadá). Congonhas está localizado no coração de São Paulo e o noticiário bem nos mostrou a ausência das mínimas condições de segurança: pista curta, sem área de escape e sem ranhuras.

O caos no transporte de passageiros não se resume no caos aéreo. Os dois últimos acidentes aéreos registraram mais de 150 mortos. Ora, sem querer deixar de lado essas graves tragédias, esse número representa muito pouco em relação aos milhares de brasileiros que morrem todos os dias país a fora, devido, principalmente, às precárias condições em estradas federais e estaduais. Resultado, por sua vez, da completa falta de investimentos no setor. Grande parte do montante arrecado com os impostos (Seguro Obrigatório, IPVA, Licenciamento, etc) é destinado para o pagamento das dívidas externa e interna. O Estado e a burguesia tem como saída as concessões à iniciativa privada (capitalistas), que operam estas rodovias construídas com dinheiro público auferindo altas taxas de lucros às custas de altas taxas de pedágio.

O Metrô e o Trolebus da cidade de São Paulo estão em uma situação de calamidade e violência absoluta. Nos horários normais, a situação já é calamitosa. A crise aérea assemelha-se a do transporte em geral. Como na capital do Estado de São Paulo, pólo econômico do país, cujo metrô - remanescente de transporte parcialmente público do Estado - está sendo completamente privatizado. Condenando todos os seus operários e usuários à condição de reféns da ganância das grandes empresas licitadas a nos explorar até a medula. O metrô já funciona precariamente (junto a CPTM inclusive) e mesmo com uma tarifa altíssima funciona com sobrecarga, sem recursos ou investimento, sem tempo para

manutenção, sem qualificação e remuneração adequada aos seus operários. Também não lhe falta tragédia; basta recordarmos a “Cratera de Pinheiros”, durante as obras de ampliação da linha Amarela, que saldou sete vítimas fatais e a interdição de considerável área residencial. **Quanto tempo para presenciarmos os solavancos e imprevistos que ocorrem diariamente no metrô transformarem-se em um descarrilhamento?** Principalmente se considerarmos a eficácia como as empresas que absorvem o metrô empreendem a extensão da linha Amarela por Pinheiros empreendendo a realização de um túnel sem a devida análise do solo e as obras de contenção necessárias. É o Estado contratando as raposas para controlar o galinheiro (mercados de produção, comércio e consumo a sua inteira disposição).

Não há que se demorar sobre a situação do transporte rodoviário urbano, no qual nos confrontamos rotineiramente com catástrofes de “pequeno” porte no caótico sistema de tráfego suicida das metrópoles. Basta verificar o cartel (máfia) que existe no país que angaria todo este setor, impondo suas tarifas e usurpando a pouca estrutura do transporte público com concessões e convênios (privatização) que lhes saúdam a exploração do povo e as benesses da corrupção. Todo o transporte de passageiros da metrópole de São Paulo está direcionado para o Metrô, com sua via única totalmente em contradição com o número de passageiros transportados. Teríamos que ter centenas de quilômetros de linhas de Metrô para amenizar o trânsito, não só em São Paulo, mas em todos os grandes centros urbanos deste país.

O transporte coletivo por pneus agora se reserva mesmo aos Trólebus com o agravante dos Micro-Ônibus nos finais de semanas. Os passageiros são enlatados e socados por catracas que se assemelham aos caminhões que coletam *lixo e sua esteira em constante movimento*, prensando o material, sem espaço que os reserva para as corridas sem fim dos trabalhadores pelos seus miseráveis salários.

Os transportes intermunicipais e interestaduais de passageiros se mesclam nas rodovias estreitas, esburacadas, privatizadas e perigosas, com os carros de passeios e as carretas de cargas de toda espécie. A unidade no sofrimento se iguala nos pedágios e mais pedágios.

A sede de lucro do Estado capitalista e dos burgueses é – isto sim – uma questão de calamidade pública. Há anos não se investe no transporte coletivo de trens comuns e a modernidade ainda está ao tempo do Império, pois só chega para poucos.

Há de se levantar a bandeira por um plano único de transporte coletivo público, gratuito e de qualidade, priorizando as linhas férreas sem nenhum atrelamento aos capitalistas e seus lucros. Um plano único de transportes públicos sendo uma extensão do planejamento e o fim da contradição campo/cidade sob o controle dos trabalhadores.

Depositar a menor confiança nas Agências Reguladoras da barbárie capitalista equipara-se a procurar um açougueiro para extrair ou tratar um câncer.

Abaixo o capitalismo decadente!

Expropriar os expropriadores e planejar a produção, circulação e distribuição!

Questão Internacional

Algumas considerações e posições políticas sobre as propostas Internacionalistas contidas no Suplemento Internacional – Democracia Obreira – 02 de julho de 2007 e Boletim Obreiro Internacional – FUBADEyO e Democracia Obreira – 25-07-2007 – Ano 1 – N° 1

Em primeiro lugar, saudamos a proposta de constituição do FUBADEyO e o Manifesto por um reagrupamento Obreiro, Revolucionário e Internacionalista em Argentina.

Por mais que seja de transcendental importância a construção de um reagrupamento operário Internacional, este deve ser em bases programáticas que possibilitem uma ação real e, por isto, deve refletir a situação política mundial com bases realistas, concretas, para que possamos armar a vanguarda para a intervenção na luta diária em ações concretas, que façam parte da vida real das massas.

Alguns problemas levantados

A intervenção no processo eleitoral nos moldes do leninismo, com uma proposta programática científica e justa mesmo no atual momento político, se torna de extrema grandeza. A nosso ver, uma proposta programática justa para intervenção no processo eleitoral não se dilui em uma proposta de frente, por mais que esta esteja configurada em um Congresso Nacional de Trabalhadores ocupados e desocupados, de delegados de base, com mandato para que a classe operária Argentina se coloque de pé sob um programa mínimo revolucionário.

Como tarefa de desmascaramento do reformismo e dos renegados do Trotskismo no chamado à unidade, com uma intervenção unitária, com base em pontos programáticos, mesmo que seja a denúncia destes como reformismo, passando-se por revolucionários, se torna espontaneísmo. Vejamos o porquê: no caso deste Congresso Nacional de Trabalhadores ocupados e desocupados eleger como candidato, mesmo que na base de pontos programáticos, um

membro do reformismo, os pontos programáticos se vão; e qualquer transposição mecânica de programa revolucionário ao reformismo se torna idealismo puro. Quando no III e IV Congresso da Terceira Internacional se propunha a tática de *frente* com a Social Democracia (reformismo), o fizeram no campo da luta direta das massas. Assim, por mais acertado que seja o programa mínimo revolucionário, este caduca por ser uma proposta de unidade frentista no campo do inimigo de classe, como o é o processo eleitoral.

De todo modo, saudamos os propositores pela intenção em desmascarar o reformismo.

Antes de nos determos nos pontos elencados no Manifesto por um reagrupamento Operário Internacional, iremos tentar mostrar os problemas que acabam interferindo nas propostas de agrupamento Internacional e que estão intrínsecas no Suplemento Internacional Democracia Obreira.

O mesmo problema político refletido no Manifesto pelo Reagrupamento Operário se faz presente, ou seja: *pressupõem a resolução da crise de direção e de poder do proletariado mundial via Assembléia de Base ou Congresso de Base.*

Este posicionamento político se constitui em exitismo movimentista (espontaneísmo). Faz uma constatação dos reais problemas em que se encontra o Movimento Operário Internacional, acabando por remeter na permanência deste, mesmo em sua essência. Quando se alimenta a esperança que as próprias massas em um Congresso ou Assembléia de Base resolvam um problema histórico do Movimento

Operário Internacional, de alternativa de poder, converte-se em puro exitismo mecanicista; permanecendo o Movimento

nas mesmas dimensões do anterior analisado. Não pode avançar, não pode avançar!

Elencamos algumas citações dos referidos textos:

La derrota de su ejército genocida a manos de las masas armadas y su huida humillante del sur del Líbano djjó al estado sionista de Israel, es decir, al principal gendarme del imperialismo en la región, sumido em una profunda crisis, y puso a la orden del dia para el pueblo palestino pasar a la ofensiva em su lucha histórica por destruir el estado del ocupante sionista y conquistar su liberación nacional.

Al mismo tiempo, um segundo hecho cualitativo se sucedia: la heróica resisténcia de las masas iraquíes contra tropas de ocupación algloyanquis daba um salto, tendia a confluír com el despertar de la clase obrera norteamericana que irrupia em lucha contra la guerra, em defensa de los trabajadores inmigrantes y por sus derechos, y provocaba uma enorme crisis política em el gobierno de Bush y las camarilhas petroleras que concentraban entonces el comando del imperialimo norteamericano.

Estos dos hechos cualitativos cambiaron el tablero y abrieron para el imperialismo la amenaza de um panorama de tipo Vietnam, es decir, de uma irrupción revolucionaria del pueblo palestino y de los explorados de Médio Oriete que empalmara com el salto de la resistencia iraquí y confluiera com um ascenso del proletariado em los Estados Unidos y demás metrópolis imperialistas... (p. 2 Democracia Obreira).

!Basta de subordinar a la clase obrera y a los explotados palestinos a las distintas fracciones burguesas que lo dividen y entregan su lucha nacional! Es necesario conquistar uma Asamblea nacional palestina de delegados obreros y campesinos para unir a todas las masas palestinas de Gaza, Cisjordânia, Líbano y Jordânia, para poner em pie uma única milícia obrera y campesina centralizada y uma guerra nacional unificada para destruir al estado de Israel, y para derrotar al ejército cipayo de Siniora y echar del Líbano a las tropas imperialistas de la ONU! – (p. 7 – Democracia Obreira).

Outras várias citações encontram-se nos referidos materiais. Por mais que a crise de Direção do proletariado mundial se agrave a cada dia – que as análises sobre o Fórum Social Mundial, a política Castrista, os renegados do Trotskismo, os Governos do Socialismo de mercado como Chaves e Evo Morales feito por Democracia Obreira estejam corretas –, não se pode concluir com exitismo, espontaneísmo e desespero. A alternativa é única do ponto de vista da normalidade científica: construção do Partido Mundial da Revolução Socialista. Juntamente com a discussão programática, com direito de tendências e fração, devemos ter um plano de organização do trabalho e da intervenção na luta de classes nos marcos do Internacionalismo proletário.

Uma conquista de Democracia Obreira, da FLT e do FUBADEyO a construção dos programas das seções de cada País dando as respostas para principais problemas colocados nos marcos Internacional, do ponto de vista do proletariado mundial.

Parece-nos que a tarefa principal colocada para o momento é: o armamento das seções nacionais rumo ao reagrupamento Internacional com um plano, o qual pode ser mínimo, mas nunca no sentido de programa mínimo e programa máximo do reformismo e mesmo dos renegados do trotskismo que passaram de mala e cuia para este (como é o caso do PSTU, O Trabalho, DS, Espaço Socialista, Práxis, etc. no Brasil). Como é o caso do POR (Lora) que acabou também aderindo ao programa mínimo com a FRA se prostrando em uma política permanente de defesa da frente popular.

Assim como no Manifesto por um reagrupamento Operário do FUBADEyO e de Democracia Obreira um plano de intervenção Internacional pelo salário mínimo vital, que no Brasil, como no mundo, deve variar entre os U\$800 a U\$1200 com a devida escala móvel de salários e a escala móvel das horas de trabalho.

Deveríamos então, como nos Congressos da III Internacional e no

Programa de Transição, traçar as tarefas colocadas para o momento nos países imperialistas e nos países oprimidos.

A bandeira do salário mínimo real não se adequa aos países imperialistas, temos aqui de nos referirmos ao salário real e a escala móvel deste, juntamente com a escala móvel de horas de trabalho. Aqui temos o problema do custo de vida, da seguridade social, dos direitos trabalhistas, do lazer, do consumo, da educação, da opressão de classe, das liberdades democráticas, da migração, da moradia, do racismo, os problemas ambientais e climáticos, a dominação imperialista mesmo (exploração da mais-valia do proletariado mundial), a luta contra a guerra e a necessidade da revolução mundial.

Parece-nos que a consigna de Congresso de Delegados de Base não deve substituir mecanicamente (exitivamente), tanto nos países oprimidos quanto nos opressores, a luta pelos Sovietes como forma de organização intrínseca ao desenvolvimento das forças produtivas e contra o capitalismo, em crise, estagnação e retrocesso.

Desta forma uma nova orientação para o Movimento Sindical deve ser buscada a nível Internacional: a dualidade de poder deve ser construída mesmo em ocasiões de calma e retrocesso, empreendendo a luta independente da burguesia e seu Estado; pelo fim do corporativismo como condição de sua realização (oprimidos versus opressores); o marco é a luta direta e Internacional.

Parece-nos que as particularidades dos diversos países devem ser buscadas em cada seção, mas temos particularidades deste ou daquele país que – desde o relato de suas experiências e aplicação, como nos casos das reformas imperialistas, da educação, da saúde pública, da seguridade – seriam de muita utilidade para a luta unificada.

O Movimento Internacional já deu provas de sua vitalidade e a luta pela

jornada de 8 horas, do 1º de Maio, da legislação trabalhista é prova disto.

Se não formos capazes de organizar a classe (como sendo Internacional) nos marcos do programa de transição, estaremos fadados às derrotas e ao desespero. Não restará outra coisa ao proletariado do que conviver com a barbárie.

Nos nossos dias a luta pelo programa de transição está ainda mais potente que em 1938, visto que: como bem defende o Manifesto do FUBADE e Democracia Obrera, a Social Democracia, o Stalinismo, Castrismo, Chavismo, Morales e os renegados do trotskismo estão até a alma metidos no programa mínimo. No caso do PSTU no Brasil esta organização que reivindica do Trotskismo e do programa de transição foge, assim como no feito popular em que o diabo fuge da cruz, da luta independente da burguesia, estão metidos nas alianças com organização imperialista como a Igreja falando da luta pelo Socialismo. Estão metidos na aliança com o stalinismo e se postando de Trotskistas. Fogem da dualidade do poder, e da organização soviética. As análises marxistas são feitas para conservar a militância assim como, na igreja, pela fé no futuro, como programa máximo (Deus do reformismo). Na vida e no momento é a colaboração de classe, a contenção das lutas com datas disto e daquilo, como na CONLUTAS que prevalece.

Desta forma, como pontos programáticos para o Brasil dentro da concepção Internacionalista devemos nos nortear por:

- 1) Pela derrota do imperialismo no Iraque, Palestina, Afeganistão – todo apoio a luta independente das massas destes países pela derrota do imperialismo e da burguesia nativa.
- a) Uma vez por mês em todo o mundo, no mesmo dia manifestações simultâneas nas embaixadas do EUA pela imediata retirada das tropas e devolução do poder ao povo Árabe e de viva a República Socialista do Povo Árabe;

- b) Intercambio entre os lutadores destes países nas diversas seções com a finalidade de aproximação cultural e expansão da base materialista em contraposição as seitas religiosas;
- c) Apoio material e humanitário aos lutadores e suas famílias.

- 2) Defesa da Revolução Cubana e abaixo a transição ao capitalismo em curso pelas medidas do governo Castro.
 - 2- a) Que as decisões do governo Cubano seja as decisões do proletariado e dos camponeses pobres, viva a Revolução Permanente;
 - 2- b) Fora as multinacionais e os capitalistas de Cuba;
 - 2- c) Intercambio dos lutadores Cubanos com o Internacionalismo proletário;
 - 2- d) Pela Revolução Socialista no resto da América e no Mundo;

3) A defesa da Revolução Cubana, dos povos Árabes, da Revolução Boliviana, Venezuelana e a defesa da revolução mundial, por um programa Revolucionário, transitório, não ao capitalismo ou Socialismo de mercado, mas sim, ao Socialismo científico e a Ditadura do Proletariado, com todo poder aos Conselhos operário e camponês e ao Internacionalismo Proletário – abaixo o capital e seu mando! Viva o Socialismo!

4) Que as políticas em curso em Cuba, Venezuela e Bolívia estão na defesa do Socialismo de mercado ou uma espécie de capitalismo nacional “humano”;

CUBA:

- 4-a) Que em Cuba desde 1982 tem se feito Leis de inversão capitalista;
- 4-b) Que a política externa do Governo Cubano é a de unir governos burgueses

“progressistas” e não o proletariado mundial para a sua revolução;

4-c) Que os teóricos do Governo de transição ao capitalismo Cubano tem influenciado com política de programa mínimo e de negação do Socialismo científico ao movimento Socialista das Américas e do mundo;

VENEZUELA:

4-d) Que na Venezuela Chaves tem aplicado uma política populista de capitalismo nacional se contraponto formalmente com o imperialismo, mas que na sua essência negocia e vende petróleo ao governo americano e ao imperialismo;

4-e) Que não há planificação da economia Venezuelana e muito menos poder operário e camponês;

4-f) Que assim como a política do Castrismo se torna nefasta para a luta pelo Socialismo;

4-g) A política de Chaves ilude e se torna mesmo um freio a luta proletária internacionalista pela Ditadura do Proletariado, vez que, as massas estão alijadas do poder decisório e do controle da produção;

4-h) Que a experiência da União Soviética deve nos nortear, pois: após uma revolução proletária e não a tomada do poder por um General, bloqueando o poder dos Sovietes e de uma política Internacional proletária acabou por conduzir o proletariado mundial a maior derrota da história, a volta ao capitalismo;

BOLÍVIA:

4-i) o Governo de Morales tem imitado a Chaves com seu socialismo de mercado ou capitalismo nacional;

4-j) Tem “nacionalizado” as multinacionais com pagamento e negociatas as costas das massas;

4-k) Tem aplicado uma política de capitalismo de Estado sem romper com o poder do capital e muito menos com a exploração de classe;

4-l) O governo Morales foi a saída encontrada pela burguesia mundial para barrar o

processo revolucionário que estava em curso no país;

- 4-m) A tomada do poder pelas massas bolivianas, através de suas organizações, com a expulsão mesmo da burguesia nativa do poder e a instalação da Ditadura do Proletariado e a incorporação ao internacionalismo proletário e a luta pela República Socialista das Américas e pela Revolução Mundial é o único processo progressista que pode haver;
- 4-n) Viva a luta e bravura do povo boliviano que deve se transformar na vanguarda da América no processo da Revolução Proletária;
- 4-o) Viva o Governo Operário e Camponês, abaixo o populismo burguês de Evo Morales!

- 5) Que sob a dominação Imperialista e sob a dominação do capitalismo (do capital) nenhum meio termo será capaz de livrar as massas da barbárie. Só o Socialismo Científico nos conduzirá a Socialização e ao planejamento da produção e distribuição com vista a uma vida digna aos povos no convívio sem exploração do homem pelo homem.

II

- 1) A luta pela República Socialista das Américas se torna letra morta sem a luta por incorporar o proletariado norte americano no internacionalismo proletário;
- a) A incorporação do proletariado americano na luta pelo Socialismo Científico e pelo internacionalismo proletário será a maior luta contra o imperialismo que a história presenciará;
- b) A construção de um reagrupamento Operário, Revolucionário e Internacionalista que combata pelo programa de transição ao Socialismo e não ao capitalismo como quer a burocracia castrista e stalinista será

extraordinária para incorporação da vanguarda lutadora americana;

- c) A luta contra o programa mínimo do Stalinismo, Castrismo, Social democracia e agora os renegados do trotskismo será de valor extraordinário não só para o proletariado americano e sim, para o proletariado mundial.

III

- 1) Compreende por programa mínimo no caso brasileiro a falácia que prega o PSTU, Prax, Espaço Socialista, O Trabalho, DS, que aderiram ao Stalinismo, social democracia e a Igreja em uma Santa Aliança, como estão a recompor uma nova Frente Popular no Brasil em substituição a Petista que se desgasta no poder golpeando duramente os direitos históricos da classe operária em benefício do grande capital.
- 2) Que a alternativa à CUT rumo ao Socialismo no movimento operário brasileiro só pode ser uma:
- a) Unificação das organizações combativas, os Sindicatos, o movimento camponês, os estudantes, os movimentos populares e os lutadores em um organismo sem corporativismo e burocratismo;
- b) Dotar este organismo com um plano de organização do proletariado brasileiro, do campesinato, dos estudantes e dos oprimidos em geral;
- c) Manter este organismo no campo da classe operária, com o exercício da democracia operária em seu seio, da prioridade absoluta da luta direta das massas e da organização independente destas;
- d) Um organismo que buscará a dualidade do poder – proletários versus burgueses na melhor forma da tradição soviética;
- 3) Indicar aos lutadores a necessidade da construção de um Partido Operário Marxista, no sentido do Partido

do Proletariado Revolucionário Mundial e da Revolução Proletária.

- 4) Na discussão do proletariado, camponeses, estudantes e oprimidos traçar um plano de reivindicações transitórias rumo a Revolução Socialista brasileira como parte da Revolução Americana e Mundial;
- 5) Um plano que parta das bandeiras principais, tais como:
 - a. luta pelo Salário mínimo real como forma de remuneração mínima do valor da força de trabalho que nos países imperialistas este valor está hoje, entre U\$800 a U\$1200. Greves, atos e ações simultâneos nos diversos países oprimidos e opressores pelo salário mínimo vital;
 - b. junto com a bandeira do salário mínimo real, como forma de mantê-lo como tal, inserir a luta pela escala móvel de salários no sentido de preservar o pagamento da venda da mercadoria (força de trabalho) sempre pelo mínimo do seu valor;
 - c. emprego para todos! Com a devida escala móvel das horas de trabalho. Atos, greves e ações simultâneas nos diversos países;
 - d. Terra e condições de trabalho aos camponeses sem terra, greves, atos e ações simultâneas nos diversos países;
 - e. Financiamento público a fundo perdido para potenciar a produção camponesa coletiva;
 - f. Intercâmbio operário-camponês na distribuição e comercialização da produção financiada, bem como, toda produção camponesa;
 - g. Intercâmbio camponês-operário no controle da produção industrial, decisões sobre sua produção, valor e distribuição de acordo com as necessidades do proletariado e campesinato pobres;
 - h. Com a aliança operária camponesa, estudantis e oprimidos em geral travar a luta pela Educação Pública, totalmente gratuita, laica e científica para todos e em todos os níveis, com o conseqüente fim dos vestibulares e do ensino privado;
 - i. Com a aliança operária e camponesa travar a luta pela expropriação dos bancos e de todo o sistema financeiro, com a devida criação de um banco único em poder do Estado e controlado pela aliança operária e camponesa;
 - j. Com o controle operário e camponês colocar este banco a serviço dos trabalhadores da cidade e do campo e da planificação da economia;
 - k. Com a aliança operária e camponesa travar a luta por eliminar as contradições campo-cidade;
 - l. Com a aliança operária e camponesa travar a luta pelo transporte coletivo centralizado, rodoviário, férreo, areão e hidrográfico, com planejamento único nacional, com vias férreas e com tecnologia no sentido de eliminar a proliferação de gases tóxicos e causadores de males a natureza e a humanidade;
 - m. Um transporte coletivo que elimine a submissão as multinacionais automobilistas e dando um planejamento racional ao transito das grandes cidades.
- 6) Com a aliança operária e camponesa impor um plano de obras públicas, tais como,
 - a) construção de Escolas para todos em que o número de alunos não supere o mínimo necessário para a garantia de um ensino de qualidade;
 - b) construção de hospitais públicos e a luta pela saúde totalmente pública e gratuita para todos;
 - c) Construção de Universidades Públicas com o ensino científico e com a priorização a curto prazo das Universidades de medicina no sentido de dar um salto de qualidade na Saúde Pública;
 - d) Construção de Habitações na cidade e no campo, com um devido zoneamento que separe as indústrias das residências, com

áreas verdes entre estas e um transporte coletivo a altura das necessidades dos trabalhadores;

- e) Preservação do meio ambiente, compreendendo este o convívio de todos os seres vivos do planeta na harmonização sociedade natureza, primeira e segunda natureza;

IV

- 1) Colocar para todos os oprimidos que tais reivindicações só serão atendidas plenamente pelo governo operário e camponês, com a devida expropriação da burguesia, o rompimento intrínseco com o imperialismo, necessitando assim, do internacionalismo proletário, da Revolução Americana sua extensão na Revolução Mundial de caráter permanente, rumo ao Socialismo, o fim do próprio Estado, das classes sociais e do comunismo como sendo um regime planificado intrínseco e internamente a própria sociedade livre, comunitária, sem explorado nem exploradores.

V

Viva a juventude estudante e trabalhadora!

Romper com o atraso e com a crise de Direção do Proletariado mundial

Diante do atraso das amplas massas, do impedimento pelo capital do acesso ao conhecimento generalizado pela humanidade, do alto nível de divisão do trabalho, do próprio fascismo implementado como modelo de reestruturação produtiva: a juventude está chamada a utilizar suas energias e criatividade para ajudar as massas a encontrar o caminho da Revolução Proletária mundial.

Na luta pelo Ensino Público, totalmente gratuito, laico e científico e de qualidade para todos, na luta pelo salário mínimo vital e a escala móvel de salário e das horas de trabalho, pelo direito ao

estudo integral e ao trabalho não como força de trabalho à juventude está reservado papel de destaque no movimento proletário e revolucionário internacional.

Ações simultâneas da juventude em vários países devem ser buscadas para em união com a classe operária e os trabalhadores em geral impor as reivindicações dos oprimidos: A educação pública de qualidade; a saúde pública para todos; o direito ao trabalho e ao lazer; de uma jornada de trabalho compatível com a vida em abundância que seja capaz de todos ter acesso ao trabalho, lazer, tempo para estudar, ir ao teatro, praticar o teatro, assistir todos os filmes e atividades culturais que a humanidade tem produzido. Enfim, o direito ao acesso ao conhecimento generalizado pela humanidade, hoje em poder da classe dominante e exploradora.

VI

Viva a mulher trabalhadora, do lar, da fábrica, da escola, do comércio, dos serviços públicos e de todos os ramos de serviço e de produção.

À mulher cabe o resgate da vida em comunidade. No comunismo primitivo, em 90% do período histórico que a humanidade se fez como tal, foi este direcionado e comandado pelas mulheres. Sob este regime comunitário e matriarcal a comunidade descobriu e desenvolveu a agricultura, a pecuária, os utensílios domésticos, as obras de arte, a indústria familiar e comunista. Foi sob este regime comunista primitivo que a humanidade chegou a tal da “civilização” (início do domínio do homem como macho) na sociedade patriarcal. Período este que coincidiu com o início da exploração do homem sobre o homem, do nascimento do Estado, da divisão de classes e da propriedade privada.

A mulher trabalhadora e não a burguesa está reservado seu lugar na história, ao lado dos homens revolucionários reconquistarem o comunismo, desta vez sob outra realidade, ou seja, o comunismo superior.

A mulher que é triplamente explorada: como dona de casa e como produtora da força de trabalho na sociedade da divisão de classe e como proletária na venda da própria força do trabalho.

Por creches públicas para todas as crianças!

Por cozinhas e lavanderias coletivas a cargo do Estado!

Pela responsabilidade coletiva da educação das crianças, que as mulheres e aos homens na comunidade caberá a educação e responsabilidade do lar e da educação das crianças!

Abaixo o machismo e o feminismo!

Viva a união das mulheres e dos homens pela revolução social!

Viva as mulheres trabalhadoras e sustentáculo da sociedade!

Viva a Revolução Proletária mundial!
Viva o Comunismo Primitivo e Superior!

Proletários de todo o mundo, uni-vos pela revolução proletária mundial e pelo comunismo superior!

Colocar finalmente que o reagrupamento operário, revolucionário deve dar lugar à construção do Partido Operário Marxista Mundial com direito de Tendências e Frações ou mesmo vários Partidos Revolucionários até a junção destes pela necessidade e compreensão coletiva.

São Paulo, 05 de agosto de 2007.
Organização pelo Partido Operário
Marxista
POM

Abaixo transcrevemos um artigo da autora Evelyn Reed, de seu livro “Sexo contra sexo ou classe contra classe” (1980),.

Este artigo apesar de constar do referido livro a autora faz notar que o mesmo foi escrito em 1954.

COSMÉTICO E MODA NO COMÉRCIO DA BELEZA

As distinções de classe entre as mulheres transcendem sua identidade como sexo. Isto é certo, principalmente na sociedade capitalista moderna, em que a polarização das forças sociais é mais forte.

Historicamente, a luta entre os sexos fez parte do movimento feminista burguês do século passado. Tratava-se de um movimento reformista, levado a cabo dentro do sistema, e não contra o mesmo. Foi, sem dúvida, uma luta progressiva, uma vez que as mulheres se rebelaram contra o domínio, quase total do homem. Com o movimento feminista, as mulheres obtiveram um número considerável de reformas. Mas aquele tipo de movimento feminista já fez seu trabalho, alcançou seus objetivos

limitados, e os problemas que se nos apresentam devem ser situados no contexto da luta de classes.

A "questão feminina" pode ser resolvida somente com a aliança dos homens e das mulheres trabalhadoras, contra os homens e as mulheres que detêm o poder. Isto significa que os interesses comuns dos trabalhadores, como classe, são superiores aos das mulheres como sexo.

As mulheres que pertencem à classe dominante têm exatamente o mesmo interesse na conservação da sociedade capitalista que os seus maridos. As feministas burguesas lutaram, entre outras coisas, pelo direito das mulheres terem propriedades registradas em seu nome, e

obtiveram este direito. Hoje, as mulheres plutocratas possuem fabulosas riquezas registradas em seu nome. Sobre temas políticos e sociais fundamentais, não simpatizaram e nem se uniram com as mulheres trabalhadores, cujas necessidades podem ser satisfeitas somente com a desapareição deste sistema. Por isto, a emancipação das mulheres trabalhadoras não será obtida através de uma aliança com as mulheres da classe inimiga, mas sim ao contrário, com uma luta contra elas, como parte de uma luta total contra o capitalismo.

A intenção de identificar os interesses das mulheres como sexo toma uma de suas formas mais insidiosas no campo da beleza feminina.

Surgiu o mito de que, já que todas as mulheres querem ser belas, têm todas o mesmo interesse pelos cosméticos, pela moda, considerados hoje indispensáveis para a beleza. Para sustentar esse mito, diz-se que o desejo de beleza se deu em todas as épocas da história, e com todas as mulheres. Os traficantes do campo da moda levantavam como testemunho disso, o fato de que, inclusive na sociedade primitiva, as mulheres pintavam e decoravam seu corpo. Para destruir esta crença, vejamos rapidamente a história dos cosméticos da moda.

Na sociedade primitiva, em que não existia a disputa sexual, não eram necessários os cosméticos e a moda como subsídios artificiais da beleza. Os corpos e os rostos, tanto dos homens, como das mulheres, eram pintados e "decorados", mas não por razões estéticas. Estes costumes nasceram de distintas necessidades relacionadas com a vida primitiva e com o trabalho.

Naquela época, qualquer indivíduo que pertencesse a um grupo familiar, necessitava estar "marcado" como tal, segundo o sexo e a idade. Estas "marcas" compreendiam não só ornamentos, anéis, braceletes, saias curtas, etc., mas também gravações, tatuagens, e outros tipos de decorações no corpo, que indicavam não só o sexo do

indivíduo, mas também a idade e o trabalho dos membros da comunidade, à medida que passavam da infância à idade madura e à velhice. Mais que decorações, estes sinais podem ser considerados como uma forma primitiva de evidenciar a história da vida de cada indivíduo, como atualmente nós fazemos com os álbuns de família. Uma vez que a sociedade primitiva era comunitária estes sinais marcavam também uma completa igualdade social.

Depois veio a sociedade de classes. As marcas, símbolos de igualdade social também foram, transformadas em seu oposto. Converteram-se em modelos e decorações, símbolos de desigualdade social, expressão da divisão da sociedade entre ricos e pobres, entre governantes e governados. Os cosméticos e a moda passaram ser prerrogativas da aristocracia.

Um exemplo concreto pode ser encontrado na Corte francesa, antes da Revolução. Entre os reis, os príncipes e a aristocracia latifundiária tanto os homens como as mulheres vestiam-se segundo o ditado pela moda. Eram "dandis" com as caras pintadas, os cabelos empoados, cintos coloridos, ornamentos de ouro e tudo mais. Os dois sexos eram "belos" segundo os modelos em voga. Mas ambos os sexos da classe dominante se distinguiam, particularmente por seus cosméticos e suas roupas, dos camponeses pobres, que suavam por eles na terra e que, certamente, não eram belos, segundo os mesmos modelos. A moda naquele período foi símbolo de distinção de classe.

Mais tarde, quando os costumes burgueses, substituíram os feudais por diversas razões históricas, os homens deixaram o campo da moda principalmente às mulheres. Os homens de negócios afirmavam sua posição social com a exibição de esposas enfeitadas, e abandonaram as calças douradas e as faixas coloridas. Entre as mulheres, sem dúvida, a moda ainda distinguia a Judy O' Grady (1) da mulher de um coronel.

Com o desenvolvimento do capitalismo, produziu-se uma enorme expansão da

produção, e com ela a necessidade de um mercado de massas. Já que as mulheres constituíam a metade da população, os capitalistas começaram a explorar o campo da beleza feminina. Assim, o capítulo da moda saiu do estreito marco dos ricos e se impôs a toda população feminina.

Para corresponder às exigências deste setor industrial, as distinções de classe foram suavizadas e escondidas sob a identidade do sexo. Os agentes de publicidade difundiram a propaganda: Todas as mulheres querem ser belas, portanto todas as mulheres têm interesse por cosméticos e moda. A moda se identificou com a beleza, venderam estes acessíveis produtos de beleza na base de sua "necessidade" e "desejo" comum a todas as mulheres,

Atualmente, o campo da beleza alimenta milhares de indústrias: cosméticos, vestidos, perucas, produtos para emagrecer, jóias verdadeiras e falsas, etc. Viu-se que a beleza era uma fórmula muito flexível. Tudo o que um empresário deveria fazer para ficar rico

era descobrir um novo produto e convencer as mulheres de que "tinham necessidade" dele e que o "desejavam", (Ver qualquer das campanhas de publicidade da Revlon).

Para manter e aumentar esta pechincha, faltava propagandear outros mitos, em apoio aos capitalistas. São eles:

1- Há séculos que as mulheres competem umas com as outras para, atrair sexualmente os homens. Isto é, virtualmente, uma lei biológica, da qual nada escapa, e uma vez que sempre existiu e sempre existirá, as mulheres se submetem ao seu destino, e estão em permanente competição uma com as outras, no mercado capitalista do sexo.

2- Na sociedade moderna, a beleza natural das mulheres, na realidade não conta. Inclusive, se insinua que a natureza abandonou as mulheres no que diz respeito à sua beleza. Para recuperar a sua falta de atrativos e suas deformações, devem recorrer a ajudas artificiais que os gentis industriais colocam à sua disposição. Encaminhemos esta
propaganda.

A COMPETIÇÃO ENTRE OS SEXOS: NATURAL OU SOCIAL?

Os estudos biológicos e antropológicos nos demonstram que a concorrência sexual entre as mulheres não existe nem na natureza, nem na sociedade primitiva. É exclusivamente um produto da sociedade de classes, e era desconhecida antes de sua existência.

No mundo animal, entre as fêmeas, não existe concorrência para que consigam atrair a atenção do macho. A única concorrência que existe, a nível sexual, é aquela que a natureza impõe aos machos que lutam uns contra os outros pela posse da fêmea. Isto é, simplesmente, uma forma natural de assegurar a perpetuação da espécie. Porém, além de seus efeitos destrutivos para a cooperação social, este

aspecto da competição sexual masculina foi eliminado quando se formaram e se consolidaram as primeiras organizações sexuais comunistas.

A ausência da concorrência sexual na natureza, foi uma das razões que permitiram às mulheres ter um papel determinante na criação de um sistema social carente de relações competitivas destrutivas. A ausência de concorrência sexual e de ciúmes entre as mulheres primitivas não é posta em dúvida nem pelos antropólogos conservadores, ainda que muitas vezes vejam isto com surpresa, ou como "algo raro" ou um costume original.

Depois, surge a sociedade de classes, baseada em um espírito de consumo e competitivo, sobre a dependência das mulheres com relação aos homens. Com a luta competitiva entre os homens pela propriedade e riqueza, surge a luta competitiva entre as mulheres para possuírem homens ricos e poderosos. Mas este laço social não possui nada de natural; é exclusivamente artificial, criado historicamente e historicamente condicionado.

A concorrência sexual entre as mulheres surge com o "mercado" do sexo ou com o matrimônio. O mercado do sexo é um aspecto parcial do mercado comercial em geral, fundamental na sociedade capitalista de classes. Ao difundir-se o sexo como mercadoria, o padrão de beleza feminina se transformou gradualmente, chegando a ser artificial e "de acordo com a moda". Este processo chegou ao seu ponto máximo na sociedade contemporânea.

No primeiro período da economia de troca, as mulheres eram trocadas por animais; e os animais por mulheres. A beleza natural e a saúde da mulher constituíam um valor, da mesma forma que a saúde dos animais. Os dois eram necessários e fundamentais para a vida produtiva e reprodutora da comunidade, onde os exemplares mais belos e sãos, estavam em condições de desenvolver melhor suas funções.

Posteriormente, com a consolidação do patriarcado e da sociedade de classes, algumas mulheres foram "acumuladas" pelos homens ricos, como uma forma qualquer de propriedade. Nasce o costume de embelezar estas esposas e concubinas com decorações e ornamentos, da mesma forma e pelas mesmas razões com que se adornavam os palácios. Um exemplo extremo é encontrado nos palácios e haréns asiáticos. As mulheres eram consideradas propriedades do príncipe ou Khan, e quanto maior a quantidade de artigos de luxo que possuíam; mais se

ressaltava a sua condição de homem rico e poderoso. Nessa época, a concorrência sexual entre as mulheres estava a sombra da concorrência entre os homens pela acumulação de tais propriedades. A mulher mesma, era um "bem", ou uma mercadoria.

Quando a monogamia substituiu a poligamia e as condições materiais se converteram na base do matrimônio, as mulheres ricas tiveram, com relação as pobres, vantagens na concorrência sexual. Uma rica herdeira que cuidava de sua beleza e saúde, continuava sendo ainda uma esposa-desejável para um homem que quisesse acumular propriedade e vice-versa. Um homem, tendo possibilidade de escolher, escolheria uma mulher ainda mais bela. As considerações econômicas, em geral, tinham preferência. Tais matrimônios, que implicavam fusões de propriedade, eram efetuados entre as famílias como negócios e só incidentalmente levavam em conta os desejos das partes implicadas. Tal matrimônio, realizado mediante pactos entre as famílias e com intermediários, esteve em vigor durante todo o grande período agrícola, quando a propriedade era principalmente a terra.

Mais tarde, aparece o capitalismo com suas relações monetárias e a "livre empresa". Esta se introduz, não só no "livre trabalho" competitivo e na concorrência comercial, como também na concorrência sexual feminina. Entre os ricos, realmente, os matrimônios por interesse continuaram como forma de fusão da propriedade, e muitas vezes, as duas coisas, não se podiam diferenciar. Depois, com o surgimento do capitalismo monopolista, os dois tipos de fusões levaram os plutocratas ao poder, até chegar às Sessenta Famílias Americanas.(N.T: Alusão à concentração e centralização da riqueza em mãos das sessenta famílias mais poderosas dos Estados Unidos):

No entanto, embora a América seja fundamentalmente burguesa desde o seu

nascimento, deram-se certas peculiaridades. As barreiras de classe podiam ser infringidas por um homem rico, diferente do que acontecia na Europa feudal, onde as distinções de classe eram estabelecidas ao nascer. Assim, nos primórdios do capitalismo, um trabalhador ou um burguês podiam casualmente ter sorte, tornarem-se ricos e modificar assim sua posição social.

A mesma coisa podia acontecer com a mulher. Por casualidade ou por beleza, podia casar-se com um milionário e mudar sua condição social. Tal coisa, ao estilo América capitalista, está muito bem representada por Bobo Rockfeler) filha de um mineiro, que se casou com um dos homens mais ricos da América e depois se divorciou, ganhando uma pensão de milhares de dólares.

Estas peculiaridades da vida americana prepararam o terreno sócio-psicológico para um mercado de consumo de massas, o mercado do sexo e da concorrência sexual de massas entre as mulheres. Da mesma forma que os relatos de

Horatio Alger transformaram-se para os homens em um manual de como passar dos estábulos para as estrelas, os relatos para as mulheres ensinavam como fisgar e se casar com o filho do patrão. Tudo o que deveriam fazer era correr à perfumaria e comprar todos os produtos necessários para transformarem-se em uma princesa.

O mundo dos cosméticos e da moda se converteu em uma mina de ouro, com perspectivas virtualmente ilimitadas. Os empresários do ramo só tinham que mudar a moda freqüentemente e inventar produtos de beleza cada vez mais numerosos e novos para ficarem cada vez mais ricos. Assim, no capitalismo moderno, a venda de mulheres como mercadorias, foi substituída pela venda de mercadorias às mulheres. Atualmente, encontra-se difundido o mito de que a beleza depende da moda, e que todas as mulheres, têm a mesma necessidade de segui-la à risca, uma vez que todas têm a mesma exigência estética.

ESPECULADORES DO CORPO FEMININO

Existem três tipos fundamentais de especuladores para persuadir, explorar e induzir a grande maioria de mulheres a gastar dinheiro em busca da beleza:

- 1) Os que se aproveitaram da manipulação do corpo feminino para reduzi-lo ao tamanho e medida da moda.
- 2) Os que pintam e enchem de creme o corpo já manipulado por meio de cosméticos, tintas, loções, perfumes, etc.
- 3) Os que adornam o corpo manipulado e pintado com vestidos da moda, jóias, e etc.

De acordo com a primeira categoria, uma mulher para ser bela tem que ser de certo tipo, pesar tanto, nem uma grama a mais ou a menos, com determinadas medidas para os quadris, cintura e busto. As que fugiram deste esquema, não são belas...

Tal coisa e causa de muitas aflições para as mulheres que não estejam dentro dos cânones estabelecidos. Oprimidas e frustradas pelas dificuldades reais da vida no mundo capitalista cuja raízes não compreendem as mulheres que trabalham, principalmente, tendem a identificar sua deformidade imaginária com a fonte de seus problemas. Convertem-se em vítimas do complexo de inferioridade. E por causa disto, lançam mão de dezenas de milhares e milhões de manipuladores e decoradores do corpo feminino, deixando em suas mãos o dinheiro que ganham suado.

Esses padrões são mantidos e apresentados como modelo, por meio das divas do cinema e dos concursos de beleza. "Belezas" selecionadas são exibidas ante os

olhos hipnotizados de grande parte das mulheres, de várias maneiras: no cinema, na televisão, ou nas chamadas revistas para homens. Porém, a monótona uniformidade destas "belezas" é escandalosa. Qualquer indício de variedade, característica da verdadeira beleza, foi eliminada. Como se tratassem de bonecas, feitas todas com a mesma massa e com o mesmo molde.

A outra categoria compreende os vendedores de cosméticos, tinturas e cremes para esses corpos uniformes. Na verdade, o~; que trabalham nas fábricas desses produtos, sabem que a mesma matéria prima, de custo irrisório, se encontra também nos frascos de cinquenta "cents". No entanto, as mulheres ingênuas e crédulas, acreditam que o frasco de 10 dólares contém algum potente Filtro mágico que o mais barato não possui. Assim diz a publicidade, e assim deve ser. Estas pobres mulheres diminuem seus recursos financeiros para obter o produto milagroso, esperando dessa for-I ma, transformarem-se de trabalhadoras em ricas herdeiras.

Por último, no campo da moda, impõem-se às mulheres uma dolorosa escolha. Devem comprar um vestido por causa de sua durabilidade, ou levando em conta os caprichos momentâneos da moda? As mulheres ricas podem fazer ambas as coisas e podem possuir um vestido para cada ocasião ou circunstâncias: para as manhãs, para o meio dia, para os.coktails, para a tarde e também numerosos conjuntos para a noite. Além disso, é necessário uma grande quantidade de acessórios para "acompanhar" cada tipo de vestimenta.

E toda esta montanha de modelos, impostos as mulheres podem ser considerados ultrapassados com a imposição de outros, na próxima semana, no próximo mês ou na próxima estação. Um artigo publicado no "The New York Times" trouxe - claramente resolvido - o dilema de se as mulheres compram aquilo que têm necessidade ou se compram aquilo que estão forçadas a ter necessidade de comprar. Este artigo, dizia que Christian Dior, o famoso costureira para mulheres ricas, cujo estilo é copiado em versões mais baratas para as mulheres mais pobres, tinha o poder de. alargar ou encurtar a saia de cinquenta milhões de americanas, no transcurso de uma noite!

Uma diferença de três ou quatro centímetros de barra pode ser um drama para as mulheres que exigem-se estar constantemente na moda. Para a mulher rica pode ser divertido mudar todo o seu vestuário, renová-la, . mas é demasiadamente custoso para a mulher pobre.

Desta forma, quando se afirma que as mulheres têm o direito de usar cosméticos, vestidos elegantes, etc., sem distinguir claramente este direito da pressão social a que está obrigada a se submeter cae-se diretamente na armadilha da propaganda capitalista. As mulheres de vanguarda, que lutam pelas transformações sociais, não deveriam nunca, nem sequer contra sua vontade, reforçar os aproveitadores deste campo. Sua missão, ao contrário, deveria ser a de desmascarar os que se beneficiam dessa escravidão das mulheres ..

OPOSIÇÃO - INADAPT AÇÃO

Sempre se defende que, mesmo que impere o capitalismo, nós como mulheres, devemos submeter-nos aos decretos da moda é dos cosméticos; pois do contrário ficaríamos na

retaguarda econômica e soei a!. É certo que para mantermos o emprego, e por outras razões, temos que levar em conta esta dura realidade.

Mas isto não significa que devamos aceitar estes condicionamentos, arbitrários e custosos, com complacência e sem protestar. Os operários que trabalham nas máquinas, estão muitas vezes obrigados a aceitar os aumentos do ritmo da produção, a diminuição de salários, e ataques a seus sindicatos, porém os aceitam protestando e continuando a luta contra eles organizando-se em movimentos que contrapõem suas necessidades aos desejos de seus exploradores.

A luta de classe é um movimento de oposição e não de adaptação e isto é correto não só para os trabalhadores das fábricas, como também para suas mulheres, consideradas como donas-de-casa. A nível das mulheres, consideradas como sexo, as metas não são tão claras, e por isso algumas caem no engano da 'adaptação'. Sobre isso, devemos mudar nossa linha. Expliquemos aos modernos padronizadores de beleza que eles não existiram sempre, e que as mulheres trabalhadoras podem e devem opinar sobre esta questão.

Por exemplo, podemos dizer, que o uso dos cosméticos é uma inovação bastante recente. No século passado, uma mulher que estivesse em busca de marido via suas possibilidades diminuídas caso usasse cosméticos, que era então uma prerrogativa das prostitutas. Nenhum homem de respeito se casaria com uma "mulher pintada".

Também no campo do vestuário verificaram-se mudanças radicais depois da entrada de um grande número de mulheres na indústria e escritórios, durante e após a Primeira Guerra Mundial. Eliminaram os espartilhos, as inumeráveis anáguas engomadas, os penteados volumosos, e os imensos chapéus, adotando vestidos mais adequados às suas atividades de trabalho. Os

formosos trajes "desalinhados" que usamos atualmente nasceram dessas exigências das mulheres trabalhadoras e posteriormente, foram adotados pelas mulheres ricas, em suas horas de lazer e diversão.

Atualmente, inclusive os macacões dos trabalhadores se converteram em trajes sofisticados. Seguramente, as mulheres ricas, fascinadas pelo aspecto sexualmente atraente das que usavam macacões e shorts, decidiram adaptá-las para a vida no campo e em suas fantásticas chácaras de fim de semana.

Com este ataque às trapaças da moda, não quero expressar a não aceitação pelos vestidos bonitos, nem discutir as modificações necessárias e previsíveis no tipo de vestuário que necessitamos. Novos tempos, novas condições sociais e produtivas, trarão transformações de todo tipo. O tempo é a mais valiosa das matérias-primas, pois o tempo é a vida, e nos temos coisas melhores a fazer do que gastar nosso tempo em esta custosa, deprimente e vulgar mania de andar correndo atrás da moda.

Com o socialismo, o falo de uma mulher querer ou não se pintar e se enfeitar, não terá maiores conseqüências sociais do que as máscaras das crianças nos bailes de carnaval e outras Cestas, a maquiagem dos atores de um teatro ou dos, palhaços de um circo. Algumas mulheres sentir-se-ão mais bonitas se pintadas, outras não. Porém será somente uma opinião pessoal, e nada mais. Submeter-se a estes costumes já não será uma obrigação econômica ou social para todas as mulheres. Por isso, não defendemos esses abutres que exploram as mulheres em nome da "beleza".

A PROPAGANDA MASSIVA

Nos últimos anos, temos visto que cada vez mais atenção é dada às mulheres, como importantes compradoras de artigos de consumo de todas as classes: casas e objetos de decoração, automóveis, geladeiras, vestidos, objetos para as mães, e assim sucessivamente. Muitos desses produtos são úteis e necessários, e portanto não necessitam ser "vendido;" com uma publicidade tão intensa que aumenta ainda mais seus custos. Mas no anárquico sistema capitalista, com sua grandiosa e dispersa proliferação de produtos, as indústrias competem umas com as outras para conseguir uma fatia 'maior neste lucrativo mercado. Desse modo, a indústria da publicidade, apêndice parasitário do mundo dos negócios, converteu-se, ela mesma, em uma grande indústria.

Todos os meios de comunicação social, o rádio, a televisão, a imprensa, que plasmam a opinião pública, baseiam-se e são sustentados pelos publicitários, que por sua vez apoiados pelos traficantes capitalistas. Em todos os setores da indústria se pressiona para a venda de artigos de consumo, inclusive para a propaganda que difunde a ideologia e a psicologia necessárias para conservar o sistema capitalista e seu poder de exploração.'

As mulheres, debilitadas por causa de numerosos conflitos e frustrações, são muito suscetíveis a estas manipulações psicológicas que as empurram para a compra de coisas, como solução de seus problemas. Por outra parte, na imprensa em geral, um número cada vez maior de revistas se dedicam exclusivamente às mulheres, principalmente no campo da moda e da beleza. Em geral, trata-se de produtos bons, impressos em papel de boa qualidade, mas de conteúdo muito ambíguo, uma vez que não vendem só beleza e outras mercadorias vantajosas, mas também são: um incentivo altamente eficaz à compra - naquilo de dizer que as mulheres que mais consomem são as mais felizes, e as que conseguem maior sucesso.

A publicidade nos oferece sugestivas fotos de produtos de luxo de todo tipo, ao lado de belíssimas mulheres. O Grande Sonho Americano se converte em localidade para as belas mulheres que podem comprar carros aerodinâmicos, televisores ou qualquer outra coisa, e inclusive, apresenta uma vida sexual fantástica e uma família ideal. As que não puderem fazer tudo isso, perguntam-se no que poderiam ter falhado como mulheres para < serem excluídas deste Grande Sonho Americano. E reprovam a si mesmas por não terem nascido ricas e belas.

Tal sensação de inferioridade pessoal é alimentada pelas novelas e artigos que preenchem os espaços para a propaganda. Os escritores capazes de explicar a origem capitalista desta sensação sentida por uma massa de mulheres, não são nunca convidados, naturalmente, para que expressem suas opiniões nestas revistas. As opiniões "científicas" que estão nelas expressadas, estão destinadas a conservar a exploração capitalista das mulheres, e não a elimina-la.

Dessa forma, especialistas comprados para escrever artigos para as angustiadas donas-de-casa, aconselham estas a ocuparem-se o máximo possível dos filhos, a serem esposas amorosas, a cuidarem da família e tudo o mais, entendido bem claro que isso é possível através da aquisição de múltiplos e custosos objetos. Também discutem os problemas das mulheres que estudam, e insidiosamente dão a entender, que seus felizes lares e sua vida emotiva foram prejudicados pelo trabalho exterior. Inclusive nesses casos, parecem que o perigo pode ser evitado através do aumento de aquisições.

Ao contrapor a mulher que trabalha com a mulher dona-de-casa e vice-versa, deixam ambas com sentimento de culpa, conflitos e frustrações. Além disso, quando uma mulher trabalha e faz as tarefas

domésticas, tais sensações se agigantam. Estas mulheres estão perpetuamente carcomidas por um conflito de interesses que não conseguem resolver nunca.

Mas este mal estar e esta sensação de derrota são extremamente vantajosas aos especuladores, uma vez que forçam as mulheres a novas compras, com a pretensão de superar sua ansiedade e insegurança. Muitas vezes, para recuperar rapidamente a fé em si mesma, correm a comprar um vestido novo ou qualquer milagroso produto de beleza.

Resumindo, primeiro o sistema capitalista degrada e oprime massas de mulheres, depois explora o descontentamento e o medo para fomenta suas vendas e benefícios. Porém, este abuso inexorável sobre as mulheres não pode ser superado com uma guerra entre os sexos, e sim com a luta de classes.

Portanto, nossa missão, é a de clarificar que a fonte desses males é o sistema capitalista, juntamente com a máquina propagandística que faz as mulheres acreditarem que o caminho que leva ao sucesso e ao amor, passa pelo consumo de variados produtos. Encarar superficialmente e aceitar os modelos capitalistas em todos os campos - desde a

política até os cosméticos - significa perpetuar esse desordenado sistema, baseado na exploração e, portanto, fazer das mulheres, vítimas.

Este artigo foi escrito há quinze anos, e é interessante e gratificante ver como neste período de tempo, inclusive o campo da moda, foi sacudido por uma nova rebelião que alterou velhos esquemas estéticos e criou outros novos. Muitas mulheres jovens abandonaram o uso de cosméticos e da "mis-en-plis". Usam seus cabelos da forma que lhes parece mais conveniente. Os joelhos, que eram considerados como a "parte feia" da mulher, foram descobertos implacavelmente com a mini-saia, e assim sucessivamente.

Ao invés dos Reis da Moda manejarem as mulheres, pelo menos durante certo tempo, ocorreu o inverso. Os figurinistas seguiam os gostos das jovens desquitadas e desarrumadas, adaptando-os de forma a conseguir produtos igualmente custosos. Conseqüentemente, o preço passou a se converter mais claramente em símbolo de "beleza", isto é, de distinção de classe; e portanto, se uma mulher quer pertencer ao "grande mundo", como chamam aos ricos, o pouco e muito, de vestidos que possui devem ser clara e visivelmente caros

(1) - Referência a um poema de Rudyard Kipling.

Ecologia e Sociedade

Por Luiz Godoi

É possível distinguir os diversos níveis nas Ciências Biológicas: o nível das macromoléculas é o da biologia molecular; o nível da célula é o da citologia; o nível do órgão ou da função é objeto da fisiologia; o nível dos indivíduos isolados é o da morfologia,

da anatomia e da sistemática; o nível das populações, dos grupos de espécies, dos ecossistemas e da biosfera é o da ecologia. (DAJOZ, 1983)

O universo da ecologia para nossos estudos é o que melhor se encaixa quando abordamos o tema qualidade

ambiental, tratando-se de renaturalização em área urbana é nesse nível que conseguimos encontrar integração em outros dois pilares de estudo, na economia e no social. Juntando social, econômico e ecológico, damos partida aos estudos e processos para iniciar o estudo das populações e comunidades que é o objetivo principal na ecologia.

As cidades têm que ser enfocadas tanto nos estudos sociais e de engenharia como nos de ecologia de forma integrada, evitando-se entender somente as partes de uma forma cartesiana. (NUCCI, 2001)

Todavia, seria impossível transportar diretamente os métodos utilizados no estudo do meio natural (não urbanizado) para o entendimento do meio físico da cidade. Além disso, importar métodos aplicados em outros países sem uma decodificação para a nossa realidade seria desastroso. (NUCCI, 2001)

A paisagem urbana pode ser relacionada da seguinte forma: como o produto do progresso econômico e social apenas, pois dentro dessa paisagem é possível encontrar uma gama muito grande de indicadores ecológicos negativos e de suporte pequeno à biodiversidade, ou seja, a paisagem urbana está apoiada apenas por dois pilares, assim faltando o pilar ecológico para o meio urbano entrar em sincronia. Pode-se dizer também que o biótopo, que é o espaço geográfico que provê condições para dar suporte à vida, foi impermeabilizado para servir a ecologia da sociedade econômica moderna, onde só é necessária a manutenção de uma única espécie, o ser humano e sua prole (leia-se o capital).

Existem metas para o planejamento da paisagem que são: salvar a diversidade animal e vegetal e suas biocenoses; salvar as paisagens e seus

elementos, protegendo-as do impacto visual, ruídos e poluição, salvar o solo, a água e o clima utilizando a vegetação como forma de controle. (NUCCI, 2001)

Sem o pilar ou os parâmetros da ecologia na organização urbana, é possível encontrar uma diversidade muito ampla de disfunções nas relações ecobióticas e alelobióticas. Uma disfunção ecobiótica comum pode ser aquela provocada pelo fenômeno denominado “ilha de calor”, que altera o microclima entre as edificações verticais do centro da cidade, ou seja, a corrente de ar que provém da periferia é encaminhada para o centro da cidade, mas no trajeto para chegar ao centro, absorve todas as massas de poluição, elevando a temperatura.

A “ilha de calor” gera a baixa pressão do ar, elevando a carga de poluentes para um nível acima da biosfera, assim favorecendo a formação de condensação fato que condiciona freqüentes episódios de enchentes no centro da cidade, essas enchentes são intensificadas principalmente devido ao aumento das áreas impermeabilizadas.

Disfunções alelobióticas relacionam-se as dificuldades para a biodiversidade encontrar energia para realização do tráfego entre habitat e fragmentos de floresta, por exemplo, o tráfego da avifauna entre a Reserva da Juréia e a Floresta da Cantareira (veremos mais a frente).

Com a expansão do progresso econômico e social ilógicos da cidade no atual modelo de sociedade, podemos encontrar muitos espaços livres pela área urbana, vemos muitos espaços que poderiam servir como área verde, fornecendo componentes de fragmentos ecológicos para o Corredor Ecológico Sul, tais espaços poderiam contar com praças arborizadas, jardins e canteiros. Esses espaços livres devem ser trabalhados para satisfazer a 3 objetivos principais: o ecológico, estético e de

lazer, sempre buscando a interação do ser humano com a comunidade ecológica ali instalada.

Conforme o tempo foi se passando e o solo da área urbana sendo impermeabilizado, os fragmentos de mata foram diminuindo ou se moldando aos esforços desenfreados dos pilares social e econômico, assim fazendo com que boa parte das pontes ecológicas viesse a se transformar em barreiras ecológicas, assim diminuindo o potencial biótico das espécies e fazendo que a ordem química, física e biótica, sofresse alterações bruscas. O fenômeno da foresia é o mais prejudicado quando temos pontes transformadas em barreiras, pois a transferência genética e a riqueza das espécies acabam sendo prejudicadas pelo adensamento urbano.

Como vimos acima à paisagem está sempre relacionada com o potencial biótico de cada espécie, pois é na paisagem que encontramos os fatores ecobióticos.

A ecobiose estuda a luz, a temperatura, a água, a pressão, o substrato, as substâncias químicas, umidade do ar, etc. (MARTINS, 1985)

Para cada ser vivo, seja animal, seja vegetal, seja mesmo micróbio, existe um habitat dentro de um intervalo de um mínimo e um máximo de condições indispensáveis à vida. Neste intervalo, tanto o indivíduo encontra o *quantum satis* para sua vivência (funções fundamentais relacionadas com a nutrição) como a espécie para a sua perpetuação no tempo e no espaço. (MARTINS, 1985)

Os fatores ecobióticos agem de forma conjunta, nunca isoladamente, por exemplo a luz que é fornecida pelo sol, serve de substrato indispensável para que as espécies do reino vegetal realizem fotossíntese.

As plantas clorofiladas em presença de luz solar, captam o gás carbônico do ar, e com a participação

da água, elaboram alimentos orgânicos do grupo dos açúcares; principalmente que servirão depois para os próprios vegetais e em seguida para todos os animais da Terra. (MARTINS, 1985)

Os vegetais como indivíduos consumidores de gás carbônico têm uma grande utilidade para a manutenção do ecossistema, pois eles também têm como função manter a ordem química do planeta, absorvendo o CO₂ da respiração animal.

Para o conjunto de indivíduos de mesma espécie denominamos de população. As populações são entidades reais cujos atributos de distribuição espacial, densidade, estrutura etária, taxas de crescimento (produto líquido entre taxas de natalidade, mortalidade e migração), bem como suas relações de interdependência, podem ser estimados quantitativamente em condições natural-experimentais. (RICARDO, 2002)

Os indivíduos também possuem um relacionamento com os outros indivíduos assim formando a comunidade, que pode possuir as seguintes delimitações: um pequeno lago, um determinado manguezal, bento marinhos sobre a areia, bento marinhos sobre a argila, um rio, um fragmento de floresta, etc.

A alelobiose estuda as relações que se estabelecem entre os seres vivos entre si. A vegetação evolui no seu sentido estrutural desde as formas mais simples de vida até as mais complexas. A essa substituição, gradual e contínua, denomina-se sucessão, animal ou vegetal, pois o fato tem um amplo caráter universal. Estas diferentes etapas evolutivas de uma sucessão variam de acordo com o início da mesma mas terminam sempre numa etapa de equilíbrio a que se dá o nome de Clímax. (MARTINS, 1992)

Em 27 de agosto de 1883 uma explosão cobriu a Ilha de Krakatoa de pedras-pomes, destruindo totalmente a sua flora e sua fauna. Desde então a ilha vem sendo pesquisada pelos botânicos

e zoólogos anotando cuidadosamente todas as etapas do desenvolvimento de sua comunidade fitozoológica. Por volta de 1930, já havia na ilha uma floresta equatorial semelhante às das demais ilhas da Indonésia. Os ventos, as correntes marinhas, os insetos e as aves foram responsáveis por esta extraordinária tarefa de repovoamento. (MARTINS, 1992)

A nutrição é função fundamental da vida. Todos os seres vivos têm necessidade de se alimentar. Não o fazendo, simplesmente morrem. Aí é que se estabelecem as cadeias alimentares. (MARTINS, 1992)

A biosfera é a camada da Terra ocupada pelos seres vivos, nela podemos encontrar três diferentes biociclos, que são compartimentos que abrigam vida. O epinociclo é o biociclo das terras emersas; o talassociclo é o biociclo das águas salgadas e o limnociclo é o biociclo das águas doces.

O estudo da vida em águas doces está no campo da limnologia, sendo responsável pelos estudos de parâmetros físicos, químicos e bióticos ambientais de comunidades de rios, lagoas e reservatórios.

Referências

NUCCI, João Carlos. "Qualidade Ambiental e Adensamento Urbano: um estudo de ecologia e planejamento da paisagem aplicado ao distrito de Santa Cecília (MSP)". São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001. 236p.

MARTINS, Celso, "Biogeografia e Ecologia". São Paulo: Nobel, 1985. 115p.

DAJOZ, Roger. "Ecologia Geral"; tradução de Francisco M. Guimarães, Petrópolis: Vozes, 1983. 472p.

BARBOSA, Luiz Mauro. "Diversificando o reflorestamento no Estado de São Paulo: espécies disponíveis por região e ecossistema". São Paulo: Instituto de Botânica: 2003. 64p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. "O corredor central da mata atlântica: uma nova escala de conservação da biodiversidade". Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006. 46p.

PINTO-COELHO, Ricardo Motta. "Fundamentos em ecologia". Porto Alegre: Artmed Editora, 2000. 252p.

CONLUTAS e o Plebiscito popular

O calendário da Conlutas e do PSTU para o próximo período define bem a estratégia deste Partido e da Conlutas: 1 a 7 de setembro; Plebiscito nacional pela anulação da privatização da Vale; Outubro - Grande marcha à Brasília

Quatro são os delimitadores políticos do PSTU e se transfere para a CONLUTAS:

- Um primeiro é as alianças políticas do Agrupamento Social chamado CONLUTAS – por direção, orientação e política do PSTU a CONLUTAS esta submetida ao programa e as alianças que remetem a uma nova frente popular

no Brasil. Aliança esta conformada em comum acordo com as cúpulas da igreja, com a falsa imagem de aliança com a pastoral operária, como se pudesse se separar uma da outra. Com o PCB e por trás às costas com o PCDB e abertamente com o PCB e PSOL;

- Um segundo é consequência do primeiro, ou seja das alianças que remete como ponto principal a luta contra o “Imperialismo” sem contudo ser uma luta anti-capitalista. Esta bandeira se comprova com a posse pelo PSTU e CONLUTAS da bandeira da Conferencia Nacional dos Bispos e do Jubileu da Dívida externa de auditoria cidadã da dívida externa;
- O terceiro também é decorrente do primeiro e do segundo que serve como estratégia para delimitar a tática, ou seja: Para um Partido e uma Organização que prima com aliança com organização imperialista como é a Igreja e como são já comprovado na história como traidores do Movimento Operário Internacional e de ter se convertido totalmente para o campo do reformismo - o Stalinismo só poderia ter como método de luta o pacifismo eleitoral, com os plebiscitos, marchas à Brasília, moções e mais moções, abaixo-assinados, um milhão de assinaturas etc. etc.
- Como quarto ponto não poderia ser outro que o coroamento do exercício da democracia formal e do burocratismo. Para bloquear a ação direta das massas se torna intrínseco o bloquear das decisões das bases, da negação dos comandos de base e do exercício da democracia operária. Assim, não é por acaso que a CONUTAS se concluiu como uma Federação burocrática de representação de entidades, pois: sem esta forma de organização não se poderia manobrar com os acordos de cúpulas às costas dos trabalhadores nos gabinetes em Brasília ou nas pastorais com os bispos ou seus representantes.